

O AMIGO, O MESTRE NUMISMÁTICO E A SUA OBRA

Nestor Fatia Vital

A celebridade não nasce espontaneamente sendo, sim, uma qualidade que advém de laborioso e persistente acumular de criatividade que redundava na excelência de algo de novo. Este o sentido positivo que pretendemos dar à colação.

Recordamos aqui, e agora de novo, um Homem que muito criou e, além disso, construiu novas e importantes pistas em favor dos seus contemporâneos e dos vindouros.

É JOAQUIM FERRARO VAZ!

Ainda num contacto tímido e observador, dada a sua auréola já na época, iniciei o relacionamento nos meados dos anos setenta, portanto, tardiamente mas, mesmo assim, tive a magnífica oportunidade de, com os tempos, ter intimidade suficiente para apreciar um dos grandes Mestres da Numismática nacional, o Decano, como lhe chamávamos, do nosso século.

Inicialmente, foram os lançamentos públicos das suas obras em Exposições-Feiras da especialidade nas quais, gulosamente, os presentes lhe solicitavam autógrafa na obra inédita, momentos em que tinha sempre uma palavra de simpatia e total disponibilidade efectuando ofertas de exemplares. São, hoje, autógrafos valiosos.

Tive a honra de pertencer à sua tertúlia, a última de Lisboa, dos almoços de 2.ª-Feira no Parque Mayer ou no 'Convés', que reunia coleccionadores numismáticos, directores de revistas, jornalistas, familiares e tantos e tantos outros amigos, convívio que sempre teve um ambiente culto e sádico, em que o tempo parava, e onde se destacava a permanente boa disposição do nosso saudoso Engenheiro Ferraro Vaz que aliava, normalmente, a conversa ligeira do 'fait divers' nacional com o debate interessado de tantos problemas que subsistem continuar na penumbra da investigação numismática. Lembro-me de numa das ocasiões ter levantado a hipótese de D. Afonso Henriques ter sido o primeiro a mandar bater 'morabito' em nome de seu filho, a fim de assegurar a sucessão, conforme

defendi em crónica publicada («Oitavo Centenário da Bula ‘Manifestis Probatum’ e os Morabitinos ‘Sancivs’», in *Jornal Novo*, 23.5.1979), e após a sua paciente escuta, e intervenções não destrutivas finais, arrematou: Meu caro Vital, se descobrir documento coevo comprovativo ... mete uma lança em África!

Colaborei, por amizade, no ‘Livro das Moedas de Portugal’, cuja edição de 1987 nos fez deslocar às oficinas do impressor, em Braga, para cooperar nas tarefas da orientação de revisão e montagem, na companhia do dr. Francisco Salgado e em assíduo contacto telefónico, com Lisboa, para satisfazer a constante inquietude de recepção de notícias por parte do autor.

Recordo, com saudade, a afabilidade que sempre dispensou, como inigualável anfitrião, nas conversas privadas e jantares familiares no seu ‘ninho’ da Rua Marquês de Fronteira, de cujas janelas não se cansava de admirar o exótico arvoredo existente em frente e, quantas vezes, nos referia que uma avezinha afectuosa, um simples pisco, o visitava, periodicamente, para partilhar do alimento na varanda das traseiras.

Era assim Joaquim Ferraro Vaz e conhecemo-lo bem.

Apetece-nos transcrever aqui, com a devida vénia, o seguinte período do jornalista, e companheiro da referida tertúlia, António Valdemar, na sua crónica «A Outra Face de Ferraro Vaz» (in *Numisma*, n.º 40, 1986): «Através do seu convívio diário (e podem testemunhar quantos têm o privilégio da sua amizade) Ferraro Vaz se afirma, em todas as circunstâncias, *homem de um só parecer, de um só rosto, uma só fé*. Tal e qual se auto-retratou Sá de Miranda no exílio voluntário da Quinta da Tapada, nos arredores de Braga, quando voltou as costas às frivolidades e hipocrisias da corte».

Na realidade todos o consideravam como um homem cheio de sensibilidade, de graça e bom humor, alegre e comunicativo, amante do convívio e da vida, em tudo o que ela nos pode proporcionar, de saúde e, por isto, nos surpreenderam os bem directos e últimos contactos que tivemos.

Desejava ir veranejar, para descanso em Monte Gordo, a que o seu médico assistente não se opôs. Prontifiquei-me, de imediato, a conduzi-lo, acompanhado da ‘senhora’, como ele chamava D. Amélia Gonzaga Pinto. Foi, creiam, uma viagem inesperadamente atribulada pois que foi necessário parar em várias etapas do percurso (Ferreira, Beja e Castro Marim) tal o estado de congestionamento pulmonar e carências de respiração que me assustaram.

Chegados ao Hotel Vasco da Gama, no destino, e com o repouso, verifiquei uma certa recuperação. Sobrinhos e outros familiares, em estadia em Monte Gordo ou, por exemplo, vindos de Vila do Conde, confraternizaram num jantar animoso, ao ar livre, num restaurante da avenida beira-praia.

No dia seguinte regresssei a Lisboa e nada fazia prever o desenrolar dos acontecimentos imediatos, um acelerado desfecho que, por falta de informação, difícil foi ter controlado.

Passados uns dias no Hotel, segue de emergência para o Hospital de Faro que, por não ter equipamento adequado, deixa seguir o doente de ambulância para uma clínica no Porto. Aqui me detenho porque o pormenor dos antecedentes do desenlace é mórbido.



JOAQUIM FERRARO VAZ viria a falecer em Lisboa, a 13 de Agosto de 1989, seguindo o féretro da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para Braga, onde se encontra sepultado no Cemitério de Arcos, em jazigo de família.

Desaparecera um Amigo, que nunca esqueceremos!

Para se conhecer melhor a força de vontade de Joaquim Ferraro Vaz, numa existência inicialmente adversa em períodos conturbados da vida nacional e, tam-

bém, para se encontrar o entrosamento com a aparição fulgurante do Mestre Numismático, na década de quarenta, consideramos conveniente, mesmo que resumido, registar alguns dados da sua ficha biográfica, que tive a felicidade de, aos poucos, ir acumulando em conversas directas com o numismata, portanto inéditas, e que publiquei ainda em sua vida e com a qual concordou (in *Numisma*, n.º 49, Junho 88, pp. 27/32):

«Minhoto de gema, pois já seu Pai viera ao mundo na freguesia de Vila Cova da Morreira, perto de Braga, Joaquim Ferraro Vaz nasceu a 17 de Abril de 1899 nessa linda e antiquíssima cidade, dos seus encantos, na freguesia de S. Lázaro.

.....

Após ter concluído o curso do Liceu, na cidade natal, segue para o Porto, matriculando-se nos preparatórios de Medicina, onde os ventos não foram de feição. Decide, então, vir para Lisboa, ingressando na Marinha de Guerra, mas a Revolução sangrenta do 19 de Outubro de 1921, ao fechar as escolas, criou grave solução de continuidade na sua vida profissional (...).

Tenaz, como sempre o admiramos, organiza um 'currículum' com base na documentação que possuía e recorre ao Ministério das Colónias, sendo destacado para a Guiné onde permaneceu um ano como funcionário dos Serviços da Alfândega. Porém, a adversidade não o abandonava. Regressa a Lisboa, doente, e é forçado a tratamento nas Termas de Caldelas.

Não desiste. A sua persistência pela conquista de um grau universitário, que entendia indispensável para vencer na vida, decide-o a entrar na Universidade de Lisboa, isto, aos 24 anos.

Mas, nem tudo seriam espinhos. De um namoro, travado durante a sua estadia em Caldelas, resulta o casamento em 1924, nascendo o seu primeiro filho, Rui, no ano seguinte, a quem o infortúnio de um desastre de aviação ceifou a vida em 1947. (Esclareça-se que Rui Vaz saíra da força aérea, no ano anterior, e o desastre ocorreu num passeio aéreo com um amigo).

A tenacidade de Ferraro Vaz, (...), encaminha-o para a Universidade de Coimbra para acabar de formar-se. De facto, (...) obtém, finalmente em 1927, o tão almejado 'canudo' contendo o diploma de Engenheiro-Geógrafo.

Regressado a Lisboa, obtém o cargo de professor de matemática e física no Liceu Pedro Nunes, (...) função que se apresentou penosa. Desse

modo, respondendo a um anúncio da Companhia das Minas da Zambézia, é preferido e segue para Tete, com a mulher e filho, como Director (...). Aí é gerado um segundo descendente, Gil Vaz, que viria a nascer em Lisboa e hoje, (...) vivendo na Argentina.

.....

Exerce o lugar de director da Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, em Lisboa, (...). Após algum tempo na capital, é destacado, com o aviador Manuel Castilho e o colega açoreano Cantos, para ir efectuar o levantamento cartográfico de Timor (...). Aí foi, também, adjunto da Missão Geográfica de Timor.

Antes, porém, da sua partida para Timor, concorrera para os observatórios astronómicos, classificando-se em mérito absoluto no concurso para o Observatório Astronómico da Tapada e, em primeiro lugar, para director do Observatório João Capelo e dos Serviços Meteorológicos de Angola. No entanto, como em todos os tempos, o compadrio levou o ministro de tutela a outra nomeação, preterindo-o injustamente. Fez um recurso vigoroso, de que não teve resposta imediata.

Seria em Timor que receberia uma notificação informando que o lugar, em Angola, (...) estava à sua disposição, o que o fez regressar a Lisboa.

.....

De registar, que foi em Angola que Joaquim Ferraro Vaz compilou a sua primeira obra de carácter científico-profissional, o 'Guia para Observadores das Estações Meteorológicas', A.G.C., Lisboa, 1945.

O falecimento de um familiar de sua esposa leva-o em 1942, com a família, a ir à Argentina resolver a respectiva herança.

.....

Regressando a Lisboa, dois anos mais tarde (sozinho, devido a rompimento conjugal), ingressa no Ministério do Ultramar como Chefe de Repartição dos Serviços de Minas, Geográficos e Cadastrais, onde se reformou da função pública. (Ali se relacionou com D. Amélia Gonzaga Pinto, sua dedicada companheira e cujo falecimento antecedeu o dele umas semanas).

.....

Como delegado do Ministério do Ultramar participou na Conferência Extraordinária dos Directores, Organização Meteorológica Internacional, Londres, 1946; no 6.º Congresso Internacional de Fotogrametria, Haia, 1948; na IX Assembleia Geral da União Geológica Internacional, Bruxelas,

1951, e no VII Congresso Internacional de Fotogrametria, Washington, 1952. No campo profissional, (...) é autor de múltiplos trabalhos técnicos em revistas da sua especialidade».

Após este breviário do complexo itinerário de Joaquim Ferraro Vaz, é chegado o momento de efectuar o entrosamento da buliçosa actividade do engenheiro-geógrafo com o Mestre numismático e grande investigador. Esse ponto de ligação situa-se na Argentina e, a título de uma mais alargada divulgação, permito-me transcrever as suas próprias palavras, na habitual singeleza e honestidade que nunca descurou (In *Numismática*, n.º 16 — Jan. 1980, entrevista conduzida por Fernando Abreu: «Falando com ... Eng.º J. Ferraro Vaz»):

«Nunca tinha pensado em moedas até 1942, ano em que fui para a Argentina. De lá, deslocava-me várias vezes ao Brasil e foi numa dessas vezes que no Rio de Janeiro comprei uma caixa de charutos cheia de moedas. Nessa altura, a minha ignorância ia ao ponto de nem sequer conhecer a obra de Teixeira de Aragão.

Este foi o meu começo na numismática. Daqui comecei a estudar, coisa que até hoje ainda não deixei de fazer.

Logo no início reparei que, na época, não era hábito coleccionar por datas, mas sim por tipos. Daí a ideia de fazer um catálogo, a partir da 4.ª Dinastia, que incluísse todas as datas conhecidas até então, que mais tarde concretizei. Além das datas, preocupei-me também em apresentar os reversos em relação às datas e oficinas monetárias. (...) Foi o 'Catálogo das Moedas Portuguesas' editado em 1948».

Esta obra, quando surgiu, foi uma autêntica revolução nos meios numismáticos e a promotora indiscutível de um novo e exigente surto de coleccionismo e associativismo de que ainda hoje, estamos colhendo os frutos.

A Sociedade Portuguesa de Numismática é fundada em 1952 à qual, pouco depois, adere como seu sócio número 24 e da qual foi Presidente do Conselho Fiscal desde o ano de 1954, ano em que uma Assembleia Geral o nomeia Sócio Honorário. Trinta anos passados seria galardoado com a Medalha de prata de 'DEDICAÇÃO'.

Honrou-nos como ilustre confrade da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a cuja Comissão de Numismática deu valiosa cooperação nos anos 50 e 60, conhecendo, aí, Batalha Reis, Alfredo Mota, Eduardo Neves e tantos outros. Ainda neste campo foi membro do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

Nunca será de mais destacar o grande carinho que devotava às associações que considerava poderosos núcleos do coleccionismo e da investigação, o que prova a sua quase imediata adesão à S.P.N..

Associou-se ao Clube Numismático de Portugal, à Sociedade Numismática Scalabitana, à Asociación Numismática Española, tendo sido membro fundador da Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismáticos que o igualmente saudoso Xavier Calicó com tanto carinho criou.

Por último, não queria deixar no esquecimento o extraordinário espírito dádivo que Ferraro Vaz sempre exteriorizou e uma das facetas está demonstrada na sua aquiescência para que as reproduções das gravuras das suas obras, podessem servir para a divulgação da Numismática, apesar da reserva de direitos de Autor, e prova pública desse invulgar gesto vamos encontrar na imprensa pública (Secção «O Gosto de Coleccionar — Numismática», N.º 3, do cronista José da Costa Moreira, in *Jornal de Notícias*, 19.6.1955):

«NOTA — O ex.mo Sr. Eng.º J. Ferraro Vaz (Lisboa), erudito numismata, autor do 'CATÁLOGO DAS MOEDAS PORTUGUESAS — PORTUGAL CONTINENTAL (1640 a 1948)', sócio honorário da Sociedade Portuguesa de Numismática, pôs à nossa disposição, a título absolutamente gracioso, as gravuras do seu 'Catálogo' para as reproduzirmos nas nossas publicações sobre numismática. Somente graças a esta gentilíssima oferta é possível ilustrar as nossas crónicas numismáticas.

Não só este cronista e os jornais que guardam a nossa modesta colaboração, mas também o público, — todos somos devedores ao Sr. Eng.º J. Ferraro Vaz deste alto serviço prestado à Numismática Portuguesa».

Nesta oportunidade, também tenho de reconhecer que a maioria das crónicas numismáticas que publico estariam impedidas de ilustração, em grande parte, não fora igual autorização recebida.

FERRARO VAZ foi um incansável estudioso e polígrafo, como o prova a sua bibliografia. Nesta omitimos os vários trabalhos científicos de índole técnico-profissional, não desejando, porém, deixar de referir, desde já, duas obras produto da sua jovialidade de espírito e alma de Poeta, autênticas mensagens de amizade e fraternidade: *RIDENDO* — I, Braga, 1984; *RIDENDO CASTIGAT MORES & PHILOSOPHANDO* — II, Braga, 1986.

Conquanto, já há uns dois anos, tenha publicado uma listagem da magnífica galeria de trabalhos do Mestre, em quarenta anos de intenso labor numismático

e produto da observação directa de raridades em múltiplos museus e colecções particulares nacionais e estrangeiras, aqui actualizo a sua ficha bibliográfica relacionada com a Numismática.

LIVROS

1948

- 1 *CATÁLOGO DAS MOEDAS PORTUGUESAS — PORTUGAL CONTINENTAL, 1640-1948*, Lisboa, VIII-246-I.

1960

- 2 *NUMARIA MEDIEVAL PORTUGUESA, 1128-1383*, Lisboa, 2 tomos in 4.º gr., II-448-II-XVI-IV e 112 'hors-text' (1).

Desta obra fez-se uma tiragem especial de 100 exemplares, numerados e rubricados pelo autor.

1964

- 3 *MOEDA DE TIMOR*, Lisboa, 171-II.

Publicação comemorativa do Centenário do Banco Nacional Ultramarino, prefaciada por Guerreiro Murta, administrador do BNU, encarregado das Comemorações Centenárias.

Esta obra recebeu o Prémio Javier Conde Garriga — 1964, a primeira atribuição desta alta distinção dos numismatas peninsulares.

1970

- 4 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL*, Braga, 2 tomos in 4.º gr., 863-II.

Distinguido com o Prémio Javier Conde Garriga — 1970.

1972

- 5 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Braga, composto nas oficinas da Livraria Cruz e acabou de se imprimir em Junho. 280-IV.

- 6 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Porto, reedição, em 'offset', por Simão Guimarães, Lda., em Setembro. 280-IV.

1973

- 7 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Braga, 537.

(1) Segundo declarações do próprio autor, esta precursora obra, a sua preferida, foi possível com base no 'achado de Atalaião' a que teve acesso em seguimento de um telefonema de um amigo de Portalegre, em meados dos anos 50.

1978

- 8 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Braga, XII-178-II ⁽²⁾.

Desta obra fez-se uma tiragem especial de 70 exemplares, numerados e rubricados pelos autores.

1980

- 9 *DINHEIRO LUSO — INDIANO*, Braga, 606 ⁽³⁾.

1984

- 10 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Braga, 602-II ⁽⁴⁾.

Desta obra fez-se uma tiragem especial de 170 exemplares, numerados e rubricados pelos autores.

1986

- 11 *A MOEDA DE PORTUGAL NO MUNDO — III MOEDA DO BRASIL*, Braga, II-242-II ⁽⁵⁾.

1987

- 12 *LIVRO DAS MOEDAS DE PORTUGAL — PREÇÁRIO*, Braga, XXIV-605 ⁽⁶⁾.

⁽²⁾ Em co-autoria do dr. Francisco Javier Onofre Sáez Salgado.

⁽³⁾ Em co-autoria do eng.º Mário Correia de Sousa, responsável pelos desenhos.

Os agradecimentos de colaboração são dados ao Pintor José A. Preto Pacheco, quanto às gravuras, e aos Srs. Norberto Correia e Eduardo Patrocínio, nos preços.

A justificação da produção desta obra foi dada pelo próprio autor na entrevista já referenciada da revista *Numismática*, em que afirma: «O interesse veio do facto que o 'Tratado entre a Índia e Portugal relativo ao reconhecimento de soberania da Índia sobre Goa, Damão, Diu, Dadrá e Nagar-Aveli e assuntos correlativos', de Dezembro de 1974 (D.G. / 1.ª Série, n.º 90, de 17 de Abril de 1975), pôs final à numária luso-indiana o que me despertou o interesse em tentar fazer o levantamento dessa numária efectivamente encerrada».

⁽⁴⁾ Em co-autoria do dr. F. Javier Salgado.

⁽⁵⁾ Esta obra inclui, em anexo final, um Preçário destacável, critério que sempre defendi, junto do Mestre, para que as obras de fundo não se desactualizassem.

⁽⁶⁾ Em co-autoria do dr. F. Javier Salgado.

Os agradecimentos de colaboração, nesta obra, são dados aos Srs. Noberto Correia, Eduardo Patrocínio, Carlos Costa, Jaime Salgado, Rainer Daehnhardt, Nestor Vital, Rui Carmo, à D. Amélia Gonzaga Pinto e, ainda, aos eng.ºs Francisco Magro e Godinho de Miranda, bem como ao dr. Vítor Lagoa.

1988

- 13 *AGENDA DE PORTUGAL*, Braga, LXXVI ⁽⁷⁾.

ARTIGOS

1948

- 14 «MOEDAS DE OURO DE D. PEDRO II», *A Moeda* (A. Molder, Lda. — Lisboa), II.
 15 «MOEDAS DA SÉRIE DOS «ESCUDOS DE OURO», CRIADAS PELA LEI DE 4/4/1722», *A Moeda* (A. Molder, Lda. — Lisboa), VII/VIII. Foi feita separata.
 16 «MOEDAS DE OURO DE D. JOÃO V», *A Moeda* (A. Molder, Lda. — Lisboa), XIX.

1949

- 17 «MOEDAS DE OURO CARIMBADAS NA ÉPOCA DE D. JOÃO IV», *Revista de Guimarães* (Sociedade Martins Sarmiento — Guimarães), vol. LIX, fasc. 3/4.
 Foi feita separata.
 18 «D. MIGUEL E A SUA NUMÁRIA», *A Moeda* (A. Molder, Lda. — Lisboa), XXV/XXVI.

1950

- 19 «CATÁLOGO DAS MOEDAS PORTUGUESAS — CORRECÇÕES E ACRESCENTOS», *A Moeda* (A. Molder, Lda. — Lisboa), XLIV/XLVIII.

1951

- 20 «OS MORABITINOS À LUZ DE UMA NOVA INVESTIGAÇÃO E DE UM NOVO ACHADO», *Arqueologia e História* (Associação dos Arqueólogos Portugueses — Lisboa), vol. VI.
 Foi feita separata ⁽⁸⁾.

(7) Última obra publicada por Ferraro Vaz, bem curiosa pelos textos numismáticos e ampla reprodução de moedas portuguesas.

Do seu 'Preâmbulo' citamos: «Poderia também chamar-se 'AGENDA ESCOLAR', pelo que tem de didáctico em serviço da Escola».

Na nota, em epílogo, escreveu: «Esta AGENDA DE PORTUGAL é uma homenagem ao nosso belo e rico País, que tem uma História magnífica, plena de grandiosos episódios; e tem uma Numismática das mais notáveis do Mundo. (...) Graças a Deus!».

(8) Comunicação feita em 13 de Março de 1951 à Comissão de Numismática da Associação dos Arqueólogos Portugueses, referente ao achado de um morabitino de Sancho II na Quinta da Bela Vista, de Ferreira do Zêzere.

- 21 «AINDA A PROPÓSITO DO ARTIGO «MOEDAS E NÚMEROS», POR LUÍS PINTO GARCIA», *A Moeda* (A. Molder, Lda.—Lisboa), LXI.
- 22 «OS MORABITINOS, A MOEDA DE OURO ANTIGA E AS FALSIFICAÇÕES», *A Moeda* (A. Molder, Lda.—Lisboa), LXV.
- 1952
- 23 «MOEDAS DE D. FERNANDO — UM QUARTO DE BARBUDA DA OFICINA MONETÁRIA DO PORTO», *Nvmmvs* (Sociedade Portuguesa de Numismática—Porto), vol. I, n.º 1.
Foi feita separata.
- 1953
- 24 «NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA — CLASSIFICAÇÕES E ACHADOS», *Nvmmvs* (SPN—Porto), vol. I, n.º 4.
- 1955
- 25 «NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA — a) PREÇO DE AMOEDAÇÃO E VALOR INTRÍNSECO DOS DINHEIROS», *Nvmmvs* (SPN—Porto), vol. III, n.º 8.
- 1956
- 26 «NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA — b) MOEDEIROS E AMOEDAÇÃO», *Nvmmvs* (SPN—Porto), vol. IV, n.ºs 11/12.
Foi feita separata.
- 1959
- 27 «NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA — c) NÚMERO DE ORDEM USADO POR SOBERANOS DO MESMO NOME NA NUMISMÁTICA E NA ESFRAGÍSTICA», *Nvmmvs* (SPN—Porto), vol. V, n.º 18.
- 1963
- 28 «NUMÁRIA MEDIEVAL PORTUGUESA», *Nvmmvs* (SPN—Porto), vol. VII — 2, Suplemento ao n.º 24 ^(º).
- 1972
- 29 «AS NOVAS MOEDAS PORTUGUESAS», *Nvmmvs* (SPN—Porto), n.º 31.
- 1974
- 30 «PORTUGUESES DE D. MANUEL I», *Nvmmvs* (SPN—Porto), n.º 33.

^(º) Preçário referente à 1.ª Dinastia.

- 1976
31 «INÉDITOS DE D. JOÃO I», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), II.
- 1977
32 «MOEDAS MEDIEVAIS DE PORTUGAL», *Numisma* (Sociedad Iberoamericana de Estudios Numismáticos — Madrid), ano XXVII, n.ºs 144/149.
33 «AS MOEDAS E OS PREÇÁRIOS», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), V.
- 1978
34 «MOEDAS MEDIEVAIS DE PORTUGAL», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), VIII.
- 1979
35 «CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESFRAGÍSTICA», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), XI.
36 «OS CEITIS DE D. JOÃO III DA OFICINA MONETÁRIA DE BEJA», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), XII.
37 «DINEROS DE ALFONSO I DE ARAGÓN», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), XIII.
- 1980
38 «PORTUGAL NA NUMISMÁTICA DA ÍNDIA», Comunicação ao *I Congresso Numismático de Portugal* ⁽¹⁰⁾, folheto das respectivas Actas.
39 «PORTUGAL NA NUMISMÁTICA DA ÍNDIA», Folha avulsa, in 4.º gr., anunciadora da publicação do livro *DINHEIRO LUSO-INDIANO*, Junho.
- 1983
40 «A MOEDA DE PORTUGAL NO MUNDO — PORTUGAL: PAPEL — MOEDA», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), XXVII.
41 «A MOEDA DE PORTUGAL NO MUNDO — PREÂMBULO À NUNMÁRIA DE ANGOLA», *Numisma* (Numisma, Lda. — Lisboa), XXX.
42 «INFLUÊNCIAS HISPANO-PORTUGUESAS NAS CUNHAGENS DE AMBOS OS PAÍSES», Comunicação à *I Reunião Hispano-Portuguesa* ⁽¹¹⁾, folheto das respectivas Actas.
43 «AS MOEDAS DE OURO E O SEU TÍTULO», *Numismática* (Clube Numismático de Portugal — Lisboa), XXXI.

⁽¹⁰⁾ CONUMMUS'80 (Fundação Calouste Gulbenkian — 19/20.I) promovido pelo Clube Numismático de Portugal-Lisboa.

⁽¹¹⁾ Promovida pela Sociedad Numismática Avilesina-Avilés, Corunha, Espanha.

1984

- 44 «O MORABITINO DE BRAGA», Comunicação ao *I Simpósio sobre Problemas da Amoeção Medieval na Área Ibérica* (12), publicada nas respectivas Actas.
- 45 «BRASIL. O PAPEL — MOEDA HAVIDO ANTES DA INDEPENDÊNCIA», *Numismática* (CNP—Lisboa), XXXV.

1986

- 46 «ANGOLA. CRUZETA DE COBRE (1570 g)», *Numisma* (Numisma, Lda.—Lisboa), XXXIX.
- 47 «SENHORES, FOI NO ZOO, NUMA QUINTA-FEIRA», *Numisma* (Numisma, Lda.—Lisboa), XL.
- 48 «ACTUALIZAÇÃO DAS QUANTIAS QUE CUSTARAM DETERMINADOS BENS NOS SÉCULOS XVI, XVIII E XIX», *Numisma* (Numisma, Lda.—Lisboa), XLII.

1988

- 49 «O CIFRÃO. ESTA 'SINALEFA', QUE REPRESENTA O MILHAR, TEM A SUA HISTÓRIA PARA CONTAR», *Numisma* (Numisma, Lda.—Lisboa), XLIX.

1989

- 50 «PORTUGAL: PAPEL — MOEDA», *Cédulas e Papéis de Valor* (Associação Portuguesa de Coleccionadores de Papéis de Valor—Lisboa), XI (13).

A análise deste valioso espólio de meia centena de importantes trabalhos de investigação e divulgação numismática deixou-a a outros numismatas, e muito dela já foi realizado, extraindo as lições e as pistas precursoras que o Engenheiro JOAQUIM FERRARO VAZ nos legou em cerca de seis mil páginas de cuidado e aprofundado estudo efectuado com o extremo carinho que sempre dedicou à Numismática portuguesa.

Ao saudoso Amigo e Mestre desejo eterno repouso; dos contemporâneos e vindouros conto com o reconhecimento e gratidão a tão grande Homem exemplar.

Abril, 1990.

(12) Realizado no Instituto Politécnico de Santarém-Santarém, 6/10.V.

(13) Inédito, de publicação póstuma, do Prefácio à obra idealizada por J.F.V. e F.J.S. catalogando a notafilia portuguesa — continental, insular e ultramarina — a que Ferraro Vaz desejaria chamar DINHEIRO DE PORTUGAL MODERNO.

